



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS
LETRAS PORTUGUÊS LICENCIATURA

DANIEL BRUCE GUNDIM DE MATOS

Fun Home: Uma Tragicomédia em Família – Análise literária

Brasília, DF
2016

DANIEL BRUCE GUNDIM DE MATOS
daniel.bruce@hotmail.com

Resumo

Nos quadrinhos de *Fun Home – Uma Tragicomédia em Família*, Alison Bechdel descreve momentos de sua vida e mostra um pouco de sua personalidade e das conturbadas relações pessoais com sua família, além de relatos sobre a homossexualidade não assumida de seu pai. Dentre outros temas, Alison aborda também as convenções sociais e as relações entre identidade de gênero, homossexualidade e sociedade.

Palavras-chave: Romance gráfico. Autobiografia. Alison Bechdel. Homossexualidade. Fun Home.

Abstract

The comics “Fun Home a family tragicomic” describes moments of the life of the author Alison Bechdel, showing her personality and the hard relation with her family. She also narrates her father’s homosexuality, which never came to light. Among these themes, Alison opens a discussion about social conventions and relates it to gender identity, homosexuality and society.

Keywords: Graphic novel. Autobiography. Homosexuality. Fun Home.

1. Romance gráfico, narração e autobiografia.

Alison Bechdel registrou em *Fun Home* sua autobiografia e nele trata dos mais diversos assuntos de seu cotidiano, sempre interligando suas descobertas pessoais à sua interação com a família. A narrativa tem ênfase em sua relação conturbada e ao mesmo tempo de admiração com seu pai, Bruce Allen Bechdel. *Fun Home* não é uma autobiografia comum, pois está inserido no universo *graphic novel*, ou em português: romance gráfico. Essa nomenclatura ganhou força no final da década de 1970 com o surgimento e a popularização das primeiras publicações. Trata-se de uma produção artística

contemporânea em quadrinhos voltada para o público adulto. Nos últimos quarenta anos, romances gráficos ganharam espaço na literatura não só pela alta qualidade estética, mas também pela preocupação com temas e questões atuais, como política, cultura, educação, economia e sexualidade.

A teoria do surgimento das histórias em quadrinhos não é uma unanimidade entre os pesquisadores, pois alguns dizem ter origem na pré-história e consideram as pinturas rupestres suas precursoras.

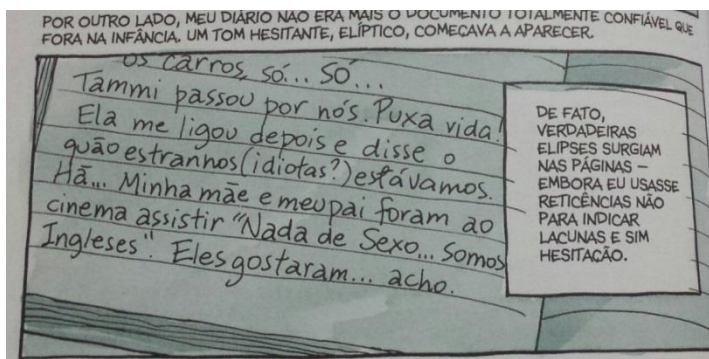
As histórias em quadrinhos padeceram durante décadas a indiferença das camadas intelectuais da sociedade, apesar de representarem a continuidade de uma longa tradição de manifestações iconográficas, cuja gênese pode ser encontrada nas pinturas das cavernas do homem pré-histórico e que se desenvolveram durante séculos em diversas formas de manifestações artísticas, como as colunas de Trajano, a Tapeçaria de Bayeux, o Livro dos Mortos, etc. (VERGUEIRO, 2009, p.16).

Para outros autores essas criações primitivas do homem não seriam histórias em quadrinhos, pois essa definição seria construída muito tempo depois, somente após uma elaboração mais contemporânea do que nomeamos hoje por romance gráfico. “(...) cuja origem está ligada ao aperfeiçoamento das técnicas de impressão e ao estabelecimento da sociedade burguesa.” (SRBEK, 2005, p.12). Para o autor essas manifestações narrativas visuais anteriores ao surgimento da imprensa não estão relacionadas diretamente ao seu surgimento, as HQ's só se concretizariam a partir de sua reprodução e divulgação como produto de comunicação em massa.

No romance gráfico de Alison, outro aspecto importante, é o teor autobiográfico, mesmo que por diversas vezes ela mesma diga abrir mão de algumas verdades para a construção de sua obra é irrefutável não fazer ligações à história de vida da autora. Os estudos de autobiografias, principalmente no campo da Teoria Literária, muitas vezes diferenciam o gênero autobiográfico simplesmente pela narrativa tratar da vida de uma pessoa real e pela verdade dessa narrativa em oposição ao que seria puramente ficcional (BARROS, 2006, p. 12).

No trecho abaixo, Alison Bechdel revela como surgiram as primeiras hesitações que se tornaram comuns e constantes em seu diário, que

futuramente serviria como inspiração para sua obra, (*Fun Home*, 2007b, p. 168):



Em *Le pacte autobiographique*, autobiografia é definida como: “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa rela faz de sua própria existência, quando acentua sua própria vida individual, em particular a história de sua personalidade” (LEJEUNE, 1975, p.14).

Mesmo com algumas omissões, o caráter autobiográfico não se perde em *Fun Home*, pois Alison Bechdel consegue construir com maestria e riqueza de detalhes sua narrativa, com relatos desde sua infância ao início de sua vida adulta, mesclando com fatos políticos e históricos da época. Logo nas primeiras páginas, isso pode ser comprovado na linguagem visual usada nos desenhos dentro dos quadrinhos por Alison, pois as cenas convencem o leitor de que ele está diante de um narrador-autor.

Alison aproveita muito bem o recurso dos quadrinhos para desenvolver sua obra, principalmente, entre texto verbal e visual, para produzir efeitos de sentido de referencialidade que colaboram na persuasão do leitor prevista na autobiografia. Logo, o gênero da história em quadrinho também produz um efeito de sentido de realidade ainda no plano de conteúdo do texto visual.

Em *Fun Home*, Alison Bechdel aproxima muito bem as imagens usadas em seus quadrinhos de sua narrativa dando ao leitor uma verdadeira demonstração do que é narrado fora dos quadrinhos, mesmo que ela não siga uma linha cronológica, qualquer leitor atento consegue facilmente experienciar as ligações do texto verbal, narrado fora dos quadrinhos ao texto visual e também verbal presente dentro dos quadrinhos.

Ao tratar das distinções entre ficção e autobiografia, o doutor em literatura Hermenegildo Bastos relata: “Se é verdade que os fatos da obra são índices de manifestação involuntária dos fatos da vida, ainda assim não há como não considerar que esses fatos são retrabalhados intencionalmente pelo autor, em um processo de reaproveitamento artístico da experiência vivida.” (BASTOS, 1998, p.56). Neste trecho ele se refere à sua análise da obra *Memórias do Cárcere*, de Graciliano Ramos. Segundo Hermenegildo Bastos: “Não é o que está à margem do ato de intencionalidade que determina a artisticidade da obra literária.” Pois, para ele, em Graciliano Ramos a intenção é a de produzir a realidade, a vida real.

Assim, como em *Memórias do Cárcere*, em *Fun Home*, a intenção não é ficcional, mas sim autobiográfica, pois reproduz com detalhes a realidade vivida por Alison Bechdel, ou seja, um fator intencional de criação literária. O que em uma obra ficcional não haveria a busca por tantos detalhes da realidade, detalhes de relatos de fatos vividos como que quase em um diário não cronológico, correlacionados a fatos históricos e objetos da vivência da própria existência da autora e de sua relação com o mundo.

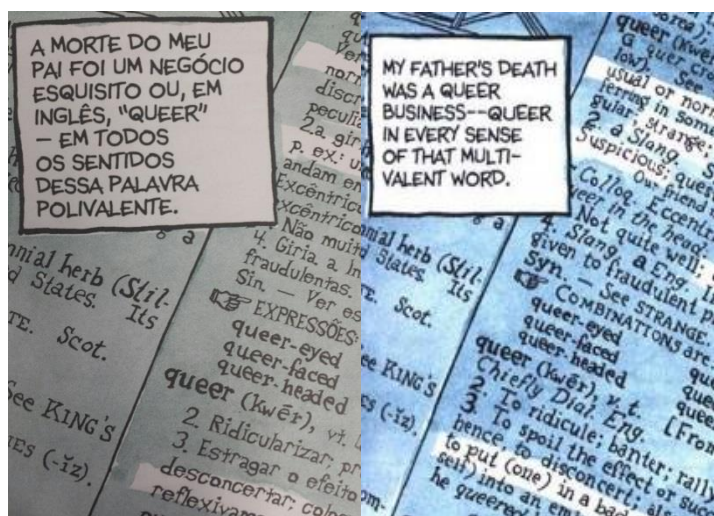
“Como leitores de Graciliano Ramos, somos levados a reconstruir os lugares, as épocas, as pessoas “figuradas” nas obras.” (BASTOS, 1998, p. 60). Do mesmo modo em que na obra de Graciliano Ramos, o leitor pode ser levado à época, levado à sociedade da época e às pessoas presentes em seu texto, a autobiografia de Alison Bechdel também leva o leitor a vivenciar a consciência de suas experiências narradas em ricos detalhes a cada capítulo de *Fun Home*. Tal vivência por meio da leitura confirma mais uma vez que *Fun Home*, não só é um texto autobiográfico, mas que as intenções de estilo literário e das gravuras presentes em seus quadrinhos por Alison foram amplamente exploradas para caracterizar sua obra.

1.1 A tradução.

Outro aspecto relevante a ser tratado aqui é o fato de *Fun Home - Uma Tragicomédia em Família*, ser uma tradução. Apresentado ao público brasileiro no ano de 2007, um ano depois de seu lançamento oficial, em inglês. Em sua

tradução, André Conti, optou por não alterar por completo o título da obra, pois, “fun home” é a abreviação de “funeral home”, em tradução livre significa: “casa funerária”. A abreviação “fun home” refere-se a uma brincadeira feita por Alison e seus irmãos na infância para remeterem-se a casa funerária herdada pela família, que funcionava na mesma casa em que moravam, como “casa divertida” ou ainda “lar da graça”, como optou o tradutor.

Alguns dos termos usados na tradução também chamam a atenção, pois o tradutor optou por manter o tom preconceituoso da época em que se passa a narrativa, visto que o tema sexualidade na década de 1970 começava a ser amplamente explorado e muito debatido, decorrente da explosão sobre o tema que havia ocorrido na década anterior. Palavras como, “maricas”, “sapata”, “homossexualismo”, “invertido” e “bicha” são exemplos de como o tema sexualidade ainda não tinha perpassado pelos avanços mínimos necessários e que marcavam o machismo que tentou desde sempre desvalorizar e diminuir a população LGTB e mulheres.



Nas imagens (*Fun Home*, 2007b) e (*Fun Home*, 2007a), respectivamente, Alison qualifica a morte de seu pai e, para isso, usa o adjetivo em inglês *queer*, em português “esquisito”. O uso deste termo não é aleatório, pois a palavra *queer*, na língua inglesa também é usada como substantivo que nomeia homossexuais. Pois, *queer* é usada para referir-se as pessoas gays não são cis ou heterossexuais.

Existe uma teoria acerca deste termo da língua inglesa. A chamada “teoria *queer*”, começou a ser desenvolvida no final da década de 1980 por uma série de pesquisadores e ativistas, especialmente nos Estados Unidos. Um dos maiores problemas abordados nessa teoria é exatamente o citado no parágrafo anterior, o da tradução do termo *queer* para a língua portuguesa. “*Queer* pode ser traduzido por estranho, talvez ridículo, excêntrico, raro, extraordinário”, diz Louro (2004, p. 38). O que houve inicialmente foi que alguns autores tentaram retirar a carga negativa que o termo carrega por ser usado como insulto à população LGBT.

A teoria *queer* teve como uma de suas percussoras Judith Butler, ela afirma que o termo tem operado uma prática linguística com o propósito de diminuir os sujeitos aos quais se refere. “*Queer* adquire todo o seu poder precisamente através da invocação reiterada que o relaciona com acusações, patologias e insultos” (Butler, 2002, p. 58). Deste modo, a teoria se encarregou então na tentativa de desfazer esse caminho pejorativo pelo qual o termo vinha sendo utilizado e de alguma maneira, seja na tradução ou na utilização do termo com mais naturalidade e sem a intenção de degradar pessoas por causa de sua sexualidade.

2. Convenções sociais.

Apesar de toda a história estar em torno da relação de Alison com seu pai, algumas vezes ela faz menção a sua mãe e também seus irmãos. Essa relação familiar é posta pela autora como uma grande convenção social, pois a relação dos seus pais nada mais era que uma farsa construída por seu pai e inconscientemente aceita por sua mãe para que eles se sentissem pertencentes ao modelo de família tradicional já consolidado imposto pela sociedade do século XX, como já acontecia com os modelos de famílias burguesas em todo o mundo. Bruce Bechdel parece medir milimetricamente suas ações para que elas soassem como a representação de uma família perfeita e completamente enquadrada nos moldes sociais.

Alison faz referência a essa obsessão do pai diversas vezes nas cenas apresentadas em seus quadrinhos, desde o cuidado extremo com a aparência clássica da casa onde moravam, até uma simples pose para uma foto de

família. Em uma delas Alison fala da fragilidade da relação dos pais e de como eles se comportavam para manter as aparências acima de tudo, passando por cima, às vezes, até mesmo de suas convicções pessoais em prol da manutenção da família artificial.

Em (BECHDEL, 2007b, p. 77-78):



Seus pais se conheceram na montagem de uma peça, nos tempos de faculdade. “Acabei descobrindo com minha mãe que eles se conheceram numa montagem de *A Megera Domada*.” (BECHDEL, 2007b, p. 75). A peça é um clássico de William Shakespeare, célebre dramaturgo e poeta inglês, reconhecido como um dos maiores autores de língua inglesa.

Alison faz uma comparação do relacionamento de seus pais com o texto de Shakespeare, em que, segundo ela, numa época pré-feminismo, os pais devem ter achado o modelo de relacionamento proposto na peça, um tanto complicado, mas, ainda assim, não hesita em equiparar o relacionamento dos pais ao contexto abusivo em que vivem os protagonistas da peça, Catarina e Petruchio.

Na peça de Shakespeare a personagem Catarina, primogênita de Batista, tem uma irmã mais nova chamada Bianca, que só receberia a permissão de seu pai para se casar depois que sua irmã Catarina casasse. Já Petruchio aproxima-se de Catarina com o interesse em receber o dote oferecido por sua família. Catarina resiste diversas vezes nas investidas de seu pretendente, mas acaba cedendo e casando-se para que a irmã mais nova também pudesse se casar. É nesse sentido que a comparação de Alison se

confirma, pois a história de seus pais também envolve interesses e convenções sociais.

Bruce Bechdel casa-se com Helen para conseguir manter em segredo sua homossexualidade, e assim, construir uma família vista pelas outras pessoas como sendo exemplar e perfeita. Enquanto Helen se vê prisioneira das convenções sociais, mas nada faz para mudar sua realidade e aceita a condição de estar casada com um marido que mantém relações sexuais com homens mais jovens por medo perder sua família ou até mesmo ficar se tornar uma mulher divorciada, o que era considerado quase uma aberração para aquela época.



(*Fun Home* 2007b, p.22)

3. Sexualidade; gênero e sociedade.

Nos últimos cinquenta anos, grande parte da comunidade LGBT tem enfrentado ativamente as dificuldades impostas pela sociedade contemporânea e tem requisitado desde direitos básicos como casar, adotar filhos, acesso à saúde, ou mesmo circular livremente e exercer sua sexualidade com a mesma liberdade que exercem pessoas heterossexuais. Logo, ser uma pessoa LGBT na sociedade atual requer da própria pessoa, autoconhecimento, e da sociedade garantias mínimas de direitos igualitários.

Dentro desta realidade, *Fun Home*, abarca como uma de suas temáticas, talvez a mais evidente e importante delas, a questão da homossexualidade. Alison Bechdel relata suas experiências de

autoconhecimento e reconhecimento de sua própria identidade. “Embora não haja alusões à masturbação no diário até os meus dezesseis anos, passei a me dedicar assiduamente à atividade após menstruar pela primeira vez. Eu não tinha ideia de que havia uma palavra para o movimento estranhamente gratificante de me esfregar na cadeira enquanto eu desenhava.” (BECHDEL, 2006, p.176). Também aborda a obscuridade que permeia o segredo de seu pai, que é revelado logo no primeiro capítulo.



(*Fun Home* 2007b, p.23).

Na sequência da narrativa em que o narrador diz: “Olhando para trás, seria fácil dizer que nossa família era uma farsa.” (BECHDEL, 2006, p.23). Mesmo com todas as críticas feitas ao pai por não assumir sua homossexualidade e manter uma família nos moldes sociais, a autora trata o comportamento do pai como um comportamento de uma vítima de toda a homofobia que exalava os padrões sociais e que quase sempre não permitia que uma pessoa exteriorizasse sua sexualidade naturalmente.

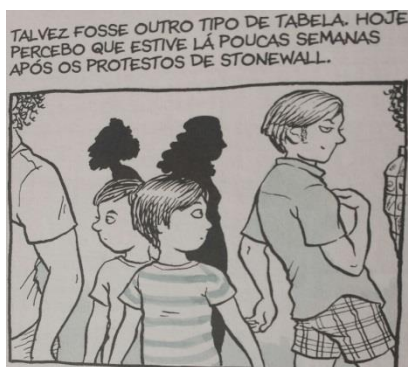
Quando tento imaginar como teria sido a vida de meu pai se ele não tivesse morrido em 1980, nunca vou muito longe. Se ele vivesse os primeiros anos da AIDS, eu pensava, teria igualmente partido, de um jeito mais doloroso e prolongado. Talvez eu esteja tentando interpretar minha absurda perda pessoal relacionando-a, ainda que de forma póstuma, a uma narrativa mais coerente. Uma narrativa de injustiça, de humilhação sexual e de medo, de vidas consideradas supérfluas. Fico tentada a dizer que, na verdade, esta é a história do meu pai. O que não deixa de ser um expediente emocional. Invocá-lo como vítima fatal da homofobia. (BECHDEL, 2006, p. 201, 202).

Em quase todos os capítulos, Alison faz referência à sexualidade de seu pai, e a compara com a sua, contrastando as diferenças entre as duas gerações e, além disso, faz também referência aos movimentos sociais em prol dos direitos das pessoas homossexuais. No ano de 1969, o bar *Stonewall Inn*,

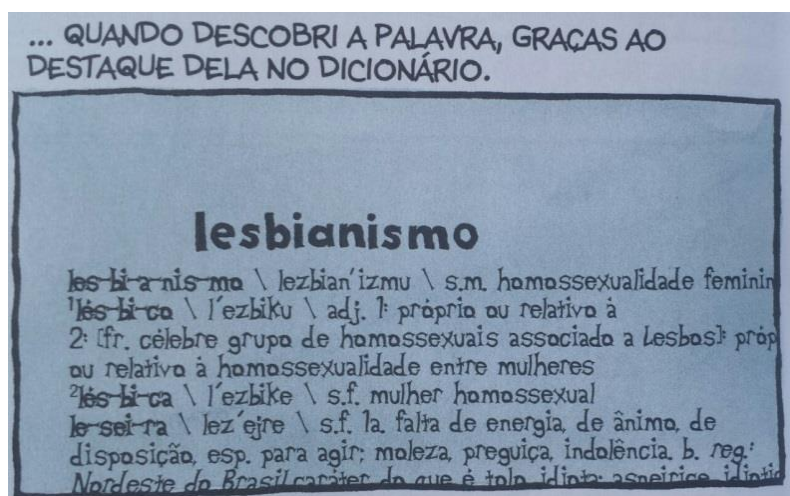
direcionado ao público gay de Nova Iorque, foi alvo de diversos ataques policiais e excessos de poder, causando a revolta da população que logo se articulou e promoveu manifestações contra a homofobia e as tentativas de cercear os direitos dos frequentadores daquele local. Essas manifestações se tornaram emblemáticas para luta em defesa dos direitos da população LGBT.

Em uma de suas viagens à Nova Iorque, ainda quando adolescente Alison relata algumas de suas recordações e faz referência aos protestos de *Stonewall Inn*.

(*Fun Home*, 2007b, p. 110).



Outros dois pontos importantes a serem tratados são a temática lésbica e também a identidade de gênero presentes em *Fun Home*. Aos 13 anos, Alison se depara com a definição da palavra “lésbica” no dicionário e afirma: “Eu já desconfiava desde os 13... Quando descobri a palavra, graças ao destaque dela no dicionário.” (*Fun Home*, 2007b, p. 88).



(*Fun Home*, 2007b, p. 80).

O discurso de Alison é solitário, pois sua descoberta é feita em meio aos livros, e até os 19 anos não é compartilhado com mais ninguém. A prática sexual lésbica está intimamente ligada a liberdade sexual feminina e também das relações de gênero. Denise Portinari (1989, p. 127) afirma: “O silêncio do lesbianismo faz parte de um silêncio maior que recobre o universo feminino como um todo”. Esse isolamento de Alison com os livros é parte de sua busca por sua própria identidade. Mesmo hoje, em que as discussões acerca da garantia dos direitos das minorias sexuais é, se comparado aos anos de 1970, amplamente debatido, não só no meio acadêmico, mas também na política, literatura e na arte, ainda assim a diversidade sexual não é muito bem aceita e vista como um direito individual de cada um.

O conceito de gênero como diferença sexual tem servido de base e sustentação para as intervenções feministas na arena do conhecimento formal e abstrato, nas epistemologias e campos cognitivos definidos pelas ciências físicas, sociais, e pelas ciências humanas ou humanidades. Em colaboração e interdependência com tais intervenções, elaboram-se práticas e discursos específicos e criam-se espaços sociais (espaços “gendrados”, ou seja, marcados por especificidades de gênero, como o “quarto de mulheres”, os grupos de conscientização, os núcleos de mulheres dentro das disciplinas, os estudos sobre a mulher, as organizações coletivas de periódicos ou de mídia feminista e outros) nos quais a própria diferença sexual pudesse ser afirmada, tratada, analisada, especificada ou verificada. (LAURETIS, 1944, p. 206).

Deste modo, é possível perceber que a construção do feminino e do masculino está diretamente relacionada à cultura de um determinado povo e época. Contudo, parece haver uma resistência caso a pessoa sinta-se livre para expressar a sua liberdade ligada ao gênero e possa escolher sozinha a maneira com que ela se identifica ou se sente melhor para portar-se perante os outros.



(*Fun Home*, 2007b, p. 188).

Fun Home apresenta essa relação entre as construções sociais de gênero e a liberdade individual. Alison Bechdel, desde a infância, começa a perceber que não se encaixava e muito menos se sentia representada pela maneira com a qual seus pais gostariam, e por muitas vezes a obrigavam vestir-se. Em uma viagem com a família à Europa, Alison descobre que lá algumas pessoas já conseguiam se desvencilhar das amarras impostas pela sociedade e pede ao pai para usar botas para caminhada e shorts na praia.



(*Fun Home*, 2007b, p. 79).

Talvez, essa liberdade seja justificada pelos avanços nos debates que já ocorriam na Europa naquela época, ou por algo mais relacionado à moda dos anos 1970, mas de que de qualquer maneira já garantiam um pouco mais de

direitos na liberdade individual de escolha por uma identidade de gênero. Outro conceito para essa conquista e descoberta pessoa é feito por Alison: “Uma revelação da mente e não da carne.” (*Fun Home*, 2007b, p. 80).

Considerações Finais

O estudo literário aqui proposto visou explorar aspectos relacionados a todos os artifícios discursivos de persuasão do gênero autobiográfico usados por Alison Bechdel. Além disso, os diversos temas que a obra abarca, como homossexualidade, identidade de gênero, machismo, e convenções sociais. A quadrinista norte-americana insere o leitor na temática da sexualidade e na temática de gênero, e em *Fun Home* desenvolve os discursos da sua história de vida e problematiza a ficção e o real.

Fun Home, portanto, é uma obra de teor autobiográfico, que ao mesmo tempo leva o leitor a se debruçar sobre a vida da autora sem nenhum apego à ordem cronológica dos fatos, mas que também o faz refletir as diversas questões sociais e sobre a temática da liberdade da mulher, temática lésbica, gay e de identidade de gênero.

Referências Bibliográficas

BECHDEL, Alison. **Fun Home**. A family tragicomic. Boston : Mariner Books, 2007a.

BECHDEL, Alison. **Fun Home**. Uma tragicomédia em família. São Paulo: Conrad, 2007b.

RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. São Paulo: Ed. Contexto, 2009.

VERGUEIRO, Waldomiro. As histórias em quadrinhos no limiar de novos tempos: em busca de sua legitimação como produto artístico e intelectualmente valorizado. In: **Revista Visualidades**. vol.7, n1, Goiânia-GO: UFG, FAV, 2009.

SRBEK, Wellington. A origem histórica dos quadrinhos (de hoje). In: **XXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação / GT 24 Humor e Quadrinhos**, Rio de Janeiro - RJ, 1999. Disponível em:

<<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/4211ee202ca92842d8b5334cb7fe6abd.PDF>>

Acessado em 25/09/2016.

BARROS, M. L. P. de. **A arquitetura das memórias**. Um estudo do tempo no discurso autobiográfico. 2006. 233f. Dissertação (Mestrado em Linguística) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

PORTINARI, D. B. **O discurso da homossexualidade feminina**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo estranho. Ensaio sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

BUTLER, Judith. Críticamente subversiva. In: JIMÉNEZ, Rafael M. Mérida. **Sexualidades transgresoras. Una antología de estudios queer.** Barcelona: Icaria editorial, 2002, p. 55 a 81.

LEJEUNE, P. ***Le pacte autobiographique.*** Paris, Seuil, 1975.

BASTOS, Hermenegildo. **Memórias do cárcere, literatura e testemunho.** Brasília : Editora Universidade de Brasília, 1998.

LAURETIS, Teresa. **A tecnologia do gênero.** Tradução de Suzana Funck. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura.** Rio de Janeiro: Rocco, 1994. pp. 206-242